

CINQUENTENÁRIO DE "O QUINZE" (*)

Geraldo Bezerra de Menezes

Em ligeira comunicação ao Conselho Federal de Cultura, pronunciei-me sobre a significação do meio século de *O Quinze*, obra de estréia e obra central de Rachel de Queiroz.

Recorri ao depoimento de Adonias Filho, exegeta dos escritos da admirável ficcionista e a quem coube saudá-la em sua investidura na Academia Brasileira. Sublinhou o exímio analista haver aquele romance renovado, com a *Bagaceira*, de José Américo, as bases do ciclo nordestino de nossas letras, abrindo novo processo da ficção brasileira.

Fez mais. Ressaltou que o volume espelha uma região de sofrimentos, para valorizá-la no cerne mesmo dos problemas humanos. Destacou-lhe o acervo temático — a seca, primordialmente; o acervo estilístico, na linha da expressão direta e da incorporação da fala regional; o acervo técnico, no sentido do processo narrativo atualizado. Para afinal postular, com toda justiça, a colocação histórica de Rachel de Queiroz no painel da literatura brasileira.

Aí tendes, em síntese aguda, esclarecedora, o julgamento da obra e sua ressonância.

Outro registro. Não fazia muito, *O Quinze* fora objeto de considerações e aplausos naquele plenário, quando traduzido para o alemão. O Conselheiro Djacir Menezes, após relembrar que lhe saudara o lançamento na "Folha Acadêmica" dirigida por Bruno Lobo, comentou, *ex-cathedra*, a versão germânica, com a notícia alviçareira, quase um milagre, de que o tradutor conservara a seiva original do livro. No mesmo dia, gratíssima coincidência, o Conselheiro Herberto Salles, a comprovar a repercussão além-fronteiras daquelas páginas, exibiu-nos, publicamente, o exemplar da tradução japonesa, editada em Tóquio.

Seriam suficientes esses dados para evidenciar que bem houve a Academia, por intermédio do benemérito presidente, Edmo Rodrigues Lutterbach, em celebrar, sem conotações nostálgicas, os dez lustros de *O Quinze*, marco de nossa produção romanesca, não obstante escrito por uma jovem situada entre os seus 19 e 20 anos.

Pela associação do romântico e do social, o livro é de ontem e de hoje.

(*) Homenagem da Academia Fluminense de Letras.

Não sai da moda, não se desatualiza. Mexeu com o povo. Tocou a sensibilidade brasileira. Coroam-no 25 edições nacionais e diversas traduções estrangeiras.

No seu lançamento, aplaudiram-no Augusto Frederico Schmidt, Agripino Grieco, Gastão Cruis e outros mais. De imediato, foi galardoado com o prêmio da Fundação Graça Aranha, ainda vivo o seu patrono.

Ao poeta Augusto Frederico Schmidt, na página crítica de agosto de 1930, impressionou o fato de ser mulher, e mulher incrivelmente jovem, a autora daquele "livro brasileiro, profundamente brasileiro", dotado da "força direta de contar e de escrever", capaz de seguir "uma família de retirantes, na sua caminhada, na via *crucis* sem redenção" e "fixar a tragédia infinita das terras calcinadas".

Neste livro, a temática é nordestina, com peculiaridades cearenses. E é nacional. À maneira de Alencar ou de Bernardo Guimarães, o nosso Beecher Stowe, e raros outros, voltou-se a escritora para "cenários brasileiros, personagens brasileiros, problemas brasileiros". Sem preconceitos nativistas, ligou-se ao nosso complexo cultural, aos nossos espaços geográficos, às nossas matizes, não se condicionando à ficção estrangeira.

Os sofrimentos, as misérias, os fracassos, a desolação, as desesperanças dos retirantes, os seus dramas, em suma, são descritos com realismo. É gente de carne e osso, com mais osso do que carne, que salta dessas páginas. Tudo se condensa neste lance: "Sombras arrastando passos inconscientes, na verdadeira embriaguez da fome" (pág. 77). Ou se reflete neste instantâneo: "Na plataforma da Estação, uma rapariga magra, suja, esfarrapada — um dos eternos fantasmas da seca. . ." (pág. 130).

Folgo em não vislumbrar nenhuma parcialidade em *O Quinze*. Nenhuma expressão ou frase comprometedora, nenhuma intenção de transformá-lo num romance político-ideológico. Nada disso. A despeito da penetração étnica e social, sem formulação científica, que ressaí do conteúdo.

A sua mensagem — a mensagem sócio-brasileira do livro — não é artificiosa. É inteiramente espontânea. Não está em doutrinações a *latere*, extemporâneas, abusivas, ambíguas. Está no tema que se fixa no espaço ou contexto social da seca, bem assim na paisagem, nos tipos, na trama, nos colóquios.

Despreocupadamente, a autora faz história social, pondo em evidência a problemática da seca de 1915, de que fora vítima sua família, que teve de fugir aos seus horrores. O livro é, no particular, um testemunho; a bem dizer, um documentário. E vai mais longe. Retrata a psicologia do povo sofredor, a par do estado de espírito dos seus figurantes.

Contudo, o escopo da moça dos anos 30 era exclusivamente literário: compor um romance, tendo por núcleo a fuga de uma família do flagelo das secas, revelando a vida e o mundo dos retirantes. Mostrou-se irrepreensível no

encadeamento expositivo, ao longo da caminhada ou itinerário do desespero. Suas páginas ajustam-se à definição de Stendhal, em **Le Rouge et le Noir**, para quem o romance é exatamente isto: “um espelho ao longo de um caminho”.

Alcançou êxito. Surpreendente êxito. No Rio, em São Paulo, em todo o país.

Com que vivacidade estilística imprimiu densidade humana ao meio social, à fisionomia dos seus heróis, às suas paixões, às suas lutas. Nisto, o forte, a marca, o esplendor da obra.

Nascida na capital do Estado, da boa cepa cearense, a romancista é filha do Juiz de Direito Daniel de Queiroz, que financiou a edição original dos mil exemplares de **O Quinze**, e descende, “pelo lado materno, da estirpe dos Alencar”. Mantém até hoje sua fazenda “Não me deixes”, no Quixadá. Ela soube, com sua vivência, valer-se dos termos e dizeres, dos costumes e hábitos regionais, numa forma oral rica, conquanto simples, comunicativa. Preservou as suas passagens do eruditismo exibicionista. Não o desmente o trecho escoteiro em que alude ao romancista de **Quincas Borba**, na prosa, o ídolo de sua progenitora e a quem ela mesma se sentia presa desde menina-moça, conforme confissão expressa no discurso acadêmico. Eis o trecho de **O Quinze**: “E a moça comparou Dona Inácia àquelas senhoras de alma azul, de que falava o Machado de Assis. . .” (pág. 84, da 11a. ed.). O artigo que a escritora antepõe ao nome de Machado traduz intimidade literária com o criador das **Memórias Póstumas de Brás Cubas**.

Louve-se a lucidez, o encanto, a criatividade das narrações e diálogos, constante literária em Rachel de Queiroz.

Consenti o auditório numa expansão pessoal e familiar. Guardo de minha visita ao Ceará, terra de avoengos paternos, lembrança singular. Eu diria estarrecedora. Lá encontrei — no Cariri, principalmente — mais Bezerra de Menezes que castanhas de caju. Compreende-se que, no romance, deparasse, como deparei, em termos de ficção que seja, com um possível parente. Delegado, por sinal. Não obstante — está no livro — “Alma boa, o compadre Luís Bezerra.” (pág. 89).

Emprestamos, senhoras e senhores, sentido mais amplo à comemoração. Temo-la por um tributo à romancista, à teatróloga, à cronista, à tradutora e à influente intelectual. Em uma palavra, à trajetória, triunfante e sem tréguas, de Rachel de Queiroz.

O preito ao livro cinquentenário envolve os romances que vieram depois: **João Miguel**, **Caminho de Pedras**, **Três Marias** e **Dôra**, **Doralina**.

Cobre as crônicas reunidas em livros, que refletem arte no escrever e tiracínio de imprensa — **A Donzela** e **a Moura Torta**, **100 Crônicas Escolhidas**, **O Brasileiro Perplexo**, **O Caçador de Tatu**, **As Meninas** e **Outras Crônicas** e o recentíssimo **O Jogador de Sinuca** e mais **Historinhas**, reunindo 25 crônicas-contos.

Compreende as peças, versando o cangaço e o fanatismo. A primeira, **Lampião**, de 1953, calcada na vida do famoso cangaceiro, e distinguida, em São Paulo, com o prêmio Saci, reservado à melhor peça do ano; a segunda, **Beata Maria do Egito**, que logrou, em 1959, os prêmios de Teatro do Instituto Nacional do Livro e da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro.

Repercutiu, nas páginas infantis de **O Menino Mágico**, detentoras, em 1969, do prêmio Jabuti de Literatura Infantil da Sociedade Felipe de Oliveira.

Inclui o notável labor da tradutora, que transpôs para o nosso idioma, entre os que me ocorrem, Tolstoi, **Memórias**; Dostoiewski, **Recordações da Casa dos Mortos**, **Os Demônios**, **Os Irmãos Karamazov**; Samuel Butler, **Destino da Carne**; Santa Tereza de Jesus, **Memórias**; Charles Chaplin, **A História da Minha Vida** (co-traduzida).

Abrange, afinal, sua presença no Conselho Federal de Cultura, na Academia Brasileira e na 21a. Sessão da Assembléia Geral da ONU, em 1966, onde atuou na Comissão de Direitos Humanos.

O romance **Três Marias**, na décima edição, conquistou outra láurea da Sociedade Felipe de Oliveira. Traduziu-o Fred P. Ellison, edição da Universidade do Texas. Essas páginas trazem a singularidade, realçada pela crítica, da narração à base da primeira pessoa do singular.

Dôra, Doralina divide-se em três partes: o livro da Senhora, mãe e rival da filha, desenrolado numa fazenda; o livro da Companhia, a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho, a que Dôra se incorporou; o livro do Comandante, o vivíssimo Senhor Brandini.

Suas crônicas são leves, concisas, objetivas. De muita transparência, muita comunicabilidade, muito humor.

Não se deve esquecer que a Academia Fluminense deu exemplo de pioneirismo. Há mais de vinte anos recebeu entre os titulares a educadora e filóloga Albertina Fortuna, ex-presidente desta Casa. Hoje, além da mestra de **Aspectos Formais da Língua Portuguesa**, abrigamos a romancista Maria Alice Barroso, autora de **Um Homem para Matar** e **História de um Casamento**, e Maria da Conceição Pires de Melo (Manita), a poetisa de **Sonhos**.

Lembro que, em crônica de 2 de setembro de 1911, publicada no "Jornal do Brasil", Carlos de Laet salientou que não descansaria enquanto não visse, entre os membros efetivos da Academia Brasileira, "uma ou duas damas, dentre as muitas — dizia ele — que ora nos abrilhantam a literatura". No ano seguinte, — consulte-se o artigo de 27 de junho de 1912, exarado no "Jornal do Brasil" — mandou à mesa uma proposta indicando para Correspondente Carolina Michaelis, "a quem devemos, — asseverava o indômito polemista — nós os amigos do idioma português, tão acurados e completos estudos filológicos e literários".

Os escritos da homenageada deram pretexto ao famoso "louvado para

Rachel de Queiroz", do poeta Manoel Bandeira. Despeço-me, e já é tempo, re-
produzindo-o:

Louvo o Padre, louvo o Filho,
o Espírito Santo louvo.
Louvo Rachel, minha amiga,
nata e flor do nosso povo.

Louvo o seu romance **O Quinze**
e outros três; louvo as **Três**
Marias especialmente,
mais minhas que de vocês.

Louvo a cronista gostosa.
Louvo o seu teatro: **Lampião**
e a nossa **Beata Maria**,
mas chega de louvação,
porque, por mais que a louvemos,
nunca a louvaremos bem,
Em nome do Pai, do Filho
e do Espírito Santo, amém.